



UNIVERSIDADE FEDERAL DE PERNAMBUCO
CAMPUS ACADÊMICO DO AGRESTE
NÚCLEO DE FORMAÇÃO DOCENTE
CURSO DE QUÍMICA - LICENCIATURA

TEREZA GABRIELA TORRES DE LIMA

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PRÁTICA DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO

CARUARU

2019

TEREZA GABRIELA TORRES DE LIMA

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PRÁTICA DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado à disciplina TCC II, como requisito obrigatório para a obtenção do título de licenciada em Química pela Universidade Federal de Pernambuco - Campus Acadêmico do Agreste.

Orientadora: Prof^a Dr^a Ana Lúcia Leal

CARUARU

2019

Catálogo na fonte:
Bibliotecária – Simone Xavier - CRB/4 - 1242

L732e Lima, Tereza Gabriela Torres de.
Educação emocional e prática docente: um estudo de caso. / Tereza Gabriela Torres de Lima. – 2019.
55 f. ; il. : 30 cm.

Orientadora: Ana Lúcia Galvão Leal Chaves.
Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso) – Universidade Federal de Pernambuco, CAA, Licenciatura em Química, 2019.
Inclui Referências.

1. Inteligência emocional. 2. Educação afetiva. 3. Prática de ensino. I. Chaves, Ana Lúcia Galvão Leal (Orientadora). II. Título.

CDD 371.12 (23. ed.)

UFPE (CAA 2019-268)

TEREZA GABRIELA TORRES DE LIMA

EDUCAÇÃO EMOCIONAL E PRÁTICA DOCENTE: UM ESTUDO DE CASO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Curso de Graduação em Licenciatura em Química da Universidade Federal de Pernambuco, como requisito parcial para a obtenção do título de Licenciada em Química.

Aprovada em: 12/08/2019

BANCA EXAMINADORA

Prof^a. Dr^a. Ana Lúcia Leal Chaves (Orientadora)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^o. Dr. João Roberto Ratis Tenório da Silva (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Prof^a. Dr^a. Ana Paula Freitas da Silva (Examinador Interno)

Universidade Federal de Pernambuco

Dedico este trabalho às pessoas mais importantes que, de alguma forma, contribuíram para quem sou hoje: Meus pais, Maria e Fernando, que com todo esforço e gratidão me deram amor, carinho e trilharam comigo este caminho; Caio Casagrande, que é meu companheiro e a quem dedico e agradeço por toda a paciência comigo; e a todos os meus amigos que, em meio às turbulências, me ajudaram a chegar até aqui.

AGRADECIMENTOS

É gratificante poder enxergar tudo o que passei e ver que consegui chegar até aqui. A luta sempre foi diária, com muita garra, esforço e trabalho, o que, na minha opinião, deixa mais bonito qualquer projeto. Um sonho de infância se concretiza. Poder falar que consegui enche meu peito de orgulho. Mas eu não cheguei aqui sozinha e por isso gostaria de agradecer individualmente a cada pessoa que me ajudou a chegar aqui.

Em primeiro lugar gostaria de agradecer a Deus, pois sem Ele eu sei que jamais iria conseguir. Em segundo, aos meus pais, Maria e Fernando, que por mais difícil que tenha sido a caminhada, nunca desistiram de mim, me dando amor, força e sabedoria para que meus pés andassem por caminhos corretos.

Um agradecimento mais que especial a minha segunda mãezona, minha orientadora Ana Lúcia, que segurou minha mão e construímos esse lindo trabalho, que depositou sua fé em mim quando eu tinha minhas dúvidas e incertezas, me deu esperanças para que eu conseguisse chegar até aqui, e mais que ninguém acreditou que eu seria capaz. Obrigada por não desistir de mim, minha dívida com a senhora será eterna.

Meus sinceros agradecimentos à toda equipe docente do Campus por acompanharem meu desenvolvimento como futura licenciada. Em especial quero agradecer ao professor João Tenório, que nos momentos mais difíceis que vivi durante essa graduação, ele foi mais que um professor, um amigo que me motivou e segurou minha mão. João, te guardo com muito carinho no meu coração, jamais encontrarei palavras pra te agradecer, obrigada!

Gratidão também a minha banca, representada também pelo professor João e pela professora Ana Paula, que participaram junto comigo e de forma mais que especial na construção dos conhecimentos que adquiri durante toda essa caminhada.

Ao meu companheiro Caio, que viu de perto toda a luta, enxugou todas as lágrimas de insegurança que eu jorrei e viu potencial onde nem eu mesma

conseguia enxergar. A sua família também, que sempre me apoiou para que eu pudesse concluir essa graduação.

Ao querido professor Charles, que com todo amor do mundo fez o meu *abstract* e só Deus sabe o significado que ele tem para mim. Foi um padrinho que me protegeu e me educou da melhor forma durante toda a minha infância e adolescência e a quem eu serei eternamente grata.

Aos meus amigos todos, especialmente a minha irmã de coração Déborah, que ouviu meus desabafos nos momentos mais difíceis dessa jornada. Ao grupo inteiro: Vitor, Sostenes, Marcio, Lais, Sabrina, Gerssyka, Julio, Saimon, Ernest e todos que estiveram do meu lado durante esse curso, meu eterno “muito obrigada”! Aos meus amigos da van, Wander , Ítalo, Kel, Aline e Thayná e todos que contribuíram positivamente para que esse meu sonho pudesse ser concretizado, minha completa gratidão.

Graças eu dou novamente a todos e em especial ao divino, porque nunca me deixou sozinha.

RESUMO

O processo de ensino e aprendizagem ocorre de diversos modos, nos quais, em sua maioria, se preocupam apenas com as metodologias a serem aplicadas para obtenção dos resultados. Ainda é deixada de lado a importância do entendimento do docente como um ser complexo, com uma multidimensionalidade que perpassa além do cognitivo. A preocupação com o emocional dos professores ainda é relegada por muitas entidades escolares, o que dificulta o processo anteriormente mencionado. É fato que um professor que se preocupa com suas emoções proporciona um ambiente agradável para que possa acontecer o processo de ensino e aprendizagem. O presente trabalho teve como objetivo geral investigar como uma docente do ensino fundamental lidava com suas emoções no cotidiano escolar, em uma turma do 5º ano do Ensino Fundamental I. Os objetivos específicos foram: analisar como a docente compreendia a importância da Educação Emocional, observar quais estratégias emocionais eram utilizadas pela docente na ocasião de situações surgidas em sala de aula e, por fim, conhecer se havia, ou não, algum tipo de preparo/apoio profissional do corpo funcional da escola, que a ajudasse a lidar com suas emoções. Para tanto, foram realizadas 36 horas de observações sistemáticas, além de uma entrevista semiestruturada para dar uma melhor fundamentação às observações realizadas em uma turma com 35 alunos, de uma escola da rede particular do agreste de Pernambuco. Através dessa análise podemos entender a fundamental importância de uma educação preocupada com o emocional dos seus docentes e como essa preocupação reflete no processo de ensino e aprendizagem. Percebemos que a docente pouco entende sobre o que é inteligência emocional, além de tratar as emoções como algo independente de sua profissão, buscando sempre a ajuda de outros profissionais da mesma área para auxiliá-la quando está passando por situações adversas. Além disso, tomamos conhecimento que a escola fornece um auxílio pedagógico para os docentes. Através desse auxílio, a professora encontra uma justificativa para as metodologias que utiliza em sala de aula. Diante dos resultados obtidos podemos perceber que se faz necessário um preparo acadêmico com ênfase na formação dos docentes como seres humanos, constituídos por toda uma multidimensionalidade, bem como buscar entender a importância que cada emoção exerce na formação do ser humano. Além disso, é durante o processo de ensino e aprendizagem e, principalmente, através dos exemplos dados por seus professores que os alunos poderão construir, paulatinamente, seus entendimentos sobre sociedade e sobre si mesmos.

Palavras-chave: Educação emocional. Multidimensionalidade do humano. Prática docente. Inteligência emocional.

ABSTRACT

The teaching and learning process occurs in several ways, in which, for the most part, they are only concerned with the methodologies to be applied to obtain the results. The importance of the teacher's understanding as a complex being with a multidimensionality that goes beyond the cognitive one is still left aside. The preoccupation with the teachers' emotional process is still relegated by many school entities, which hinders the aforementioned process. It is a fact that a teacher who cares about his emotions provides a pleasant environment for the teaching and learning process to take place. The main objective of this study was to investigate how a teacher in the 5th year of elementary school dealt with her emotions in academic everyday life in a class of the 5th year of Elementary School I. The specific objectives were: to analyze how the teacher understood the importance of Emotional Education, to observe what emotional strategies were used by the teacher in the occasion of situations arisen in the classroom and, finally, to know whether there was some type of professional preparation / support of the functional body of the school, that helped her to deal with her emotions. For that, 36 hours of systematic observations were performed, as well as a semistructured interview to give a better foundation to the observations made in a class with 35 students from a private school in the country area of Pernambuco. Through this analysis we can understand the fundamental importance of an education concerned with the emotional of its teachers and how this concern reflects in the process of teaching and learning. We realize that the teacher does not understand much about what emotional intelligence is, besides treating emotions as something independent of their profession, always seeking the help of other professionals in the same area to help her when she is experiencing adverse situations. In addition, we acknowledge that the school provides a teaching aid to teachers. Through this help, the teacher finds a justification for the methodologies she uses in the classroom. In view of the results obtained we can see that it is necessary to have an academic preparation with emphasis on the training of teachers as human beings, constituted by an entire multidimensionality, as well as seeking to understand the importance that each emotion exerts in the formation of the human being. In addition, it is during the teaching and learning process and, especially, through the examples given by their teachers that students can gradually build their understanding about society and about themselves.

Keywords: Emotional Education. Multidimensionality of the human. Teaching practice. Emotional intelligence.

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	10
2	FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA	15
2.1	INTELIGÊNCIA EMOCIONAL	15
2.1.1	Emoção.....	15
2.1.2	Inteligência	18
2.2	EDUCAÇÃO EMOCIONAL	21
2.3	RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA COM VISTAS À OBTENÇÃO DE UMA ABORDAGEM INTEGRAL.....	23
2.4	RESILIÊNCIA E FORMAÇÃO HUMANA	27
3	METODOLOGIA.....	30
3.1	LOCAL E PERÍODO	30
3.2	CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA	31
3.3	INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS	32
4	RESULTADOS E DISCUSSÃO	36
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	45
	REFERÊNCIAS	49
	APÊNDICE A – CARTA DE APRESENTAÇÃO	53
	APÊNDICE B – TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE).....	54
	APÊNDICE C – ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA	55

1 INTRODUÇÃO

O conceito de emoção remete ao latim *emovere*, que significa mover-se, estar em movimento. A emoção implica em “reações globais, inatas e passageiras que têm uma função específica de cada ser” (MARTINS, 2004, p. 23). Dessa forma, define-se como algo que parte do interior para o exterior, mantendo uma relação com o meio. As emoções recebem influência do meio em que as pessoas se encontram e das pessoas que as rodeiam.

De acordo com Crepaldi (2017, p.6),

a família representa o alicerce para que o indivíduo construa uma boa estrutura social, pois é dentro do espaço familiar que a criança determina os primeiros relacionamentos, que depois abrangerá a escola e, por fim, a sociedade.

Dessa forma, entende-se que as primeiras influências se dão quando ainda criança e advém do contato com as pessoas que habitam no mesmo lar, que mantêm contato diário, ou quase diário, seja na escola ou na família.

Uma pessoa emocionalmente inteligente é capaz de reconhecer, controlar e expressar seus sentimentos e emoções de forma adequada, podendo superar as frustrações. Além disso, mantém uma boa autoestima e o interesse pelos outros, sendo empática, o que significa a capacidade que se tem de se colocar no lugar de outra pessoa. Para Goleman (1998), a empatia é a capacidade para compreender o que o outro está sentindo sem necessariamente precisar recorrer à verbalização, podendo se utilizar da interpretação de expressões faciais, por exemplo.

Por isso, torna-se importante que a empatia seja trabalhada em todos os âmbitos do convívio da pessoa, visto que o ser empático se preocupa com o bem estar dos demais. Assim, é importante que, além do berço familiar, haja também uma educação escolar voltada à importância da empatia, pois, como citado anteriormente, é também na escola que as pessoas recebem suas primeiras influências, espaço de formação do indivíduo.

Faria (2011) afirma que atualmente a educação e a socialização são partilhadas pela escola e pela família. Esta comunhão possibilita um reconhecimento do aluno como ser pensante e emocionalmente ativo, já que as emoções têm papel significativo na construção do ser humano como um todo.

De acordo com Rohr (2011) o ser humano é formado por dimensões que são interligadas umas às outras. Não se pode pensar no ser humano apenas na dimensão mental, como seres que raciocinam, questionam e têm a capacidade de refletir sobre determinado tema. Deve-se pensar no ser em toda a sua multidimensionalidade, que se apresenta como sendo: dimensão física, sensorial, emocional, mental e espiritual¹.

A sequência acima apresentada não é necessariamente uma regra a ser seguida, não é hierárquica, embora a dimensão física seja a mais densa e a dimensão espiritual, a mais sutil.

Para uma abordagem humana e integral da Pedagogia, o professor deve reconhecer e valorizar o aluno em toda a sua complexidade, pois como já afirmamos, ele é mais do que a sua cognição. Neste sentido, podemos dizer que os testes hoje encontrados em escolas com vistas à aprovação, ou para ingresso em universidades, legitimam uma noção limitada, parcial e estreita do humano, visto que não dão conta de toda a multiplicidade de aspectos citados anteriormente.

Além disto, muito mais do que buscar um preparo acadêmico, tradicionalmente adotado no ambiente escolar, deve-se, sobretudo, preparar o aluno para a vida, para o ambiente social mais amplo. Este posicionamento implica no espaço acadêmico funcionar como facilitador para que ele aprenda a distinguir suas emoções e saiba lidar com as mesmas. Ou seja, que todos os colaboradores vigentes na academia instiguem os alunos a buscarem desenvolver sua inteligência emocional.

1 Abordaremos melhor esse tópico mais adiante.

Entendemos, portanto, a importância de uma educação emocional que vá além do lar, no âmbito escolar, porque não basta apenas preparar o indivíduo para o mercado de trabalho, mas também e, sobretudo, para sua relação com o meio social e com as pessoas que o cercam. Para isso, contudo, é necessária uma preparação prévia dos envolvidos. Segundo Santos (2000), professores e técnicos envolvidos na escola estão aptos a educar emocionalmente após terem frequentado formação nesse âmbito, desde que orientados por um psicólogo com formação específica na área das emoções.

Acreditamos, porém, que muitos docentes não possuem o devido preparo para lidar com seus conflitos emocionais e dos seus alunos e que, infelizmente, às vezes falta sensibilidade por parte de alguns, tornando a prática educativa focada apenas na formação acadêmica. É possível que muitos professores ainda estejam sendo formados para transmitir conteúdos de forma mecanizada. Dessa forma, deixa-se de pensar no ser humano como um todo e foca-se apenas em na dimensão mental.

No presente trabalho enfatizamos a importância do cultivo e conhecimento da inteligência emocional, buscando a educação, entretanto antes de adentrarmos neste aspecto, vamos falar brevemente sobre o que entendemos por ser inteligente.

A princípio, tratava-se a inteligência como a capacidade do ser humano de raciocinar de forma lógico-matemática levando em conta, apenas, a dimensão mental para o sucesso no dia-a-dia. Em 1983, Gardner apresenta a ideia das múltiplas inteligências, que desmistifica a capacidade única, até então, do raciocínio humano².

Como dissemos anteriormente, daremos ênfase ao estudo da dimensão emocional e sua importância na educação formal, entendendo que uma educação que reconhece a relevância das emoções auxilia no desenvolvimento, tanto do ser social, como individual, visando o equilíbrio dos sentimentos e emoções. A intenção é que não haja uma resposta impulsiva diante das adversidades, mas sabemos que isso não é uma tarefa fácil. Para

² Trataremos melhor deste assunto posteriormente.

Alzina (2003), se trata de algo contínuo, pois ao longo dos anos, pode ser vista como uma forma de prevenir, ou minimizar, a vulnerabilidade diante de contextos adversos.

Este trabalho de conclusão de curso pretendeu investigar qual a importância dada à educação emocional no ambiente escolar e à preparação dos docentes para tal, visto a importância da mesma no desenvolvimento dos envolvidos como seres sociais e individuais. Ou seja, de que modo a inteligência emocional poderia interferir no processo de ensino e de aprendizagem dos alunos e docente do 5º ano do ensino fundamental, de uma escola da rede particular de um município do Agreste Pernambucano.

Ou seja, teve como objetivo geral investigar como uma docente do 5º ano do ensino fundamental lida com suas emoções no cotidiano acadêmico; e como objetivos específicos: analisar como a docente entende a importância da Educação Emocional, observar quais as estratégias emocionais são utilizadas pela docente na ocasião de situações surgidas em sala de aula e, por fim, conhecer se há, ou não, algum tipo de preparo/apoio profissional do corpo funcional da escola, que ajude a docente a lidar com suas emoções.

O nosso interesse brotou a partir de estudos ocorridos no Projeto de Pesquisa “Formação Humana e Educação Emocional”, coordenado pela Prof.^a Ana Lúcia Leal. Na ocasião, tivemos a oportunidade de estudar e iniciar uma pesquisa de campo sobre a importância desses conceitos para a educação e o processo de ensino e aprendizagem e, diante do interesse crescente pela temática, decidimos aprofundá-la e realizar o nosso Trabalho de Conclusão de Curso.

Nossa pesquisa está organizada da seguinte maneira, no capítulo 2 trataremos da fundamentação teórica, apresentando as seguintes temáticas: No tópico 2.1 Abordaremos a *Inteligência Emocional*, subdividindo-a em emoção e em inteligência, a fim de aproximar o leitor deste conceito; No item 2.2, apresentaremos a *Educação Emocional*, trazendo a necessidade desse entendimento no ambiente escolar; o capítulo 3 versará sobre a *Relação família e escola*, destacando a importância desta parceria com vistas à obtenção de uma abordagem integral. Ou seja, buscaremos compreender a

necessidade dessa comunhão para o processo de construção do ser humano e, por fim; no 4, abordaremos o tema da *Resiliência e Formação Humana*, onde explanaremos a importância desses fatores serem abordados também nas escolas. No capítulo 5 apresentaremos a metodologia utilizada, seguindo, nos capítulos 6 e 7, respectivamente, com a apresentação de nossos resultados e discussões, e de nossas considerações finais.

2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

Neste capítulo, como mencionado, abordaremos os conceitos de emoção e inteligência, integrando-os a fim de buscar a compreensão da importância do termo inteligência emocional para o comportamento da pessoa enquanto ser social.

2.1 INTELIGÊNCIA EMOCIONAL

2.1.1 Emoção

Como dito anteriormente, emoção é uma palavra derivada do latim, que significa “mover-se”, “estar sempre em movimento”. De fato, segundo Alzina, Gonzáles e Navarro (2006, p.132), “uma emoção é uma reação complexa do organismo, que é melhor compreendida quando podemos pensar em alguma emoção forte que experimentamos”³. Com isso, entende-se que emoção é algo momentâneo, que se pode experimentar em um curto prazo de tempo, e que possui forte intensidade.

Casassus (2009) vem afirmar que o contexto da emoção, quando relacionada à cultura de determinados lugares, nunca foi uma relação fácil, visto que a mesma sofria repressão, havia regras sobre o que e como podiam ser expressas, levando a sua negação. Ainda se ouve, por exemplo, com frequência, o termo “homens não choram”. Esse dito afirma com maior intensidade o que se passa de geração em geração, uma forma de cultura, onde o homem não deve expor seus sentimentos e, quando isso ocorre, recebe julgamentos errôneos e preconceituosos. Já as meninas aprendem muito cedo que não devem expressar a raiva.

Casassus (2009, p.198) afirma que

³ Traduzido do original “una emoción es una reacción compleja del organismo, que se entiende mejor cuando podemos pensar en alguna emoción fuerte que hayamos experimentado”.

[...] dessa forma, na cultura, vive-se a exigência de filtrar racionalmente a emoção que se sente e até de reprimi-la, já que diante da sua expressão espontânea aparece a falta de ressonância ou o repúdio dos que nos rodeiam.

Trazendo esse conceito de cultura para os dias atuais, muitas coisas sofreram alterações, embora algumas permaneçam impregnadas, como, por exemplo, o modo como as pessoas no México lidam com o luto. No dia dos mortos, eles festejam, pois acreditam que seus entes queridos os fazem visitas. Já no Brasil, o mesmo dia é celebrado com muita tristeza, com visitas aos túmulos e demonstrações de carinho e saudades.

Mas o luto é emoção? De fato, vamos explicar um pouco mais sobre essa diferença, entre o que é sentimento e emoção. Como dito anteriormente, emoção é algo que tem curto prazo de tempo e forte intensidade. Nesse caso, o estado de luto pode ser chamado de emoção. Já o sentimento é algo que tem um prazo de duração maior e tem menor intensidade, quando em comparação com as emoções.

Desse modo, vê-se a importância de vivenciar de forma correta as emoções e é a partir do convívio com a família que se aprende isso. Segundo Cyrulnik (2001) é de fundamental importância o triângulo parental, ou seja, os papéis materno e paterno para a construção de um caráter emocional e também resiliente em uma criança⁴.

No que diz respeito à educação e a importância da vivência das emoções neste contexto, Santos (2000, p. 22), acredita que:

a educação com objetivos exclusivamente cognitivos tem se mostrado insatisfatória, pois, apesar de tantos avanços tecnológicos, da televisão, de computadores e multimídia utilizados no processo educacional, as novas gerações têm mostrado crescente falta de competência emocional e social.

4 Posteriormente iremos abordar mais detalhadamente este conceito.

Segundo o autor, entende-se que a atual educação brasileira está mais direcionada ao desenvolvimento cognitivo do aluno, abstendo-se de abordar suas outras competências. Para Rohr (2011), além da dimensão cognitiva (mental) que, como dissemos, é constituída pelos aspectos intelectuais e lógicos, além do ato de refletir sobre qualquer circunstância, há um leque amplo de outras dimensões que representam nossa multidimensionalidade. São elas: dimensão física: abrange os aspectos físicos e biológicos do ser humano; dimensão sensorial: aborda a nossa percepção do que acontece ao redor, fisicamente falando (calor, frio, dor, prazer...); dimensão emocional: responsável por tratar da psique humana, abrangendo os estados emocionais (ex. medo, alegria, surpresa); dimensão espiritual: seria a dimensão responsável por onde se encontram os valores morais do ser humano.

Dessa forma, a educação não pode priorizar a cognição dos alunos, e sim levar em conta toda a sua multidimensionalidade e, assim, compreender que são mais do que aquilo que apenas se encaixa em uma única dimensão. Essa complexidade implica que todo aluno apresenta características diferentes, aptidões diferentes e a escola deve abranger todo esse contexto.

Segundo Cassassus (2009), um ambiente emocionalmente adequado, gerado entre aluno e professor, mostra a importância das emoções como característica necessária para o desenvolvimento do processo de ensino e aprendizagem, bem como para a vida dos envolvidos.

Cosenza (2011) afirma que é de fundamental importância a interação entre os processos cognitivos e as emoções. A partir dessa afirmação, entende-se que o cérebro responde aos estímulos, que, por sua vez, podem ser positivos ou negativos, ativando certas áreas e que os estímulos podem favorecer a aprendizagem ou não.

Dessa forma, vemos que a preocupação com o emocional, por parte do professor para com seus alunos e para si mesmo, é de fundamental importância para a criação de um ambiente adequado para a aprendizagem. Com isto, trataremos mais sobre o que é inteligência e a sua complexidade, bem como a importância de ser inteligente emocionalmente.

2.1.2 Inteligência

A palavra inteligência remete ao latim *intelligentia*, que significa “entendimento, conhecimento” (HOUAISS; VILLAR, 2008, p. 1.631). Dessa forma, entende-se como inteligência a capacidade humana de enfrentamento perante situações novas, a fim de resolvê-las.

De acordo com Fiorelli e Mangini (2009), a evolução saudável e equilibrada da inteligência está diretamente relacionada ao progresso do pensamento, que acompanha o crescimento anátomo-fisiológico, motor e psicológico do sujeito. Com isso, entende-se que inteligência é algo que acompanha o desenvolvimento humano, não apenas cognitivamente.

“O tema inteligência nos remete à necessidade de um breve percurso histórico, situando diferentes concepções vigentes que se expandiram tanto no campo da Psicologia, quanto no da Educação” (NUNES; SILVEIRA, 2011, p. 149). Os primeiros estudos sobre a inteligência humana começaram com Alfred Binet, em 1904, com o teste de inteligência, que tinha por finalidade “verificar os progressos de crianças deficientes do ponto de vista intelectual” (BOCK; FURTADO; TEIXEIRA, 2002, p. 181).

Juntamente com Binet, outro estudioso na área, William Stern, formulou que o índice que indicaria o grau de inteligência do ser humano era definido pelo quociente entre a sua idade mental e sua idade cronológica.

A partir desses dois precursores do tema inteligência humana, surgiram diversos estudos abordando o conceito. Atualmente, o QI (quociente de inteligência) é um modo classificatório do potencial intelectual das pessoas. Segundo Dalgalarrodo (2008, p. 277),

deve-se deixar claro que, mais que qualquer outra função psíquica, a inteligência não é uma função material, delimitável e independente das formulações que sobre ela se faz. **A inteligência é um constructo**, um modo de ver e estudar uma dimensão do funcionamento mental, dimensão esta construída historicamente pela psicologia, pela medicina e pela pedagogia. (grifado no original).

Com isso, surgem os conceitos de genialidade, visto que as pessoas que possuem alto QI recebem esse adjetivo. Entende-se que gênio é aquele indivíduo que abrange todas as áreas do intelecto e faz uso dessas habilidades. O termo genialidade, de acordo com Santos (2008, p. 53), “abrange todas as áreas do conhecimento e a utilização destas habilidades contribui de forma original para a humanidade; levando em consideração que todo gênio é superdotado, mas nem todo superdotado é gênio”.

Porém, juntamente a ideia do QI e de genialidade, destacaremos, a seguir, a compreensão de Gardner (1983) em relação às inteligências. O seu pensamento tem por característica reconhecer que ela vai além do puro QI. Ele reconhece que os testes e provas que as pessoas são submetidas, desde o período escolar até quando concluem uma graduação, por exemplo, se baseiam em uma noção limitada de inteligência. Esta noção se encontra desconectada da gama de talentos e aptidões que são importantes para a vida. Com isso, entende-se que uma visão com maior abertura à complexidade da inteligência proporciona uma situação que favorece a capacidade e o potencial para o sucesso.

Aos poucos, começou-se a afirmar que não há apenas um modo de inteligência que assegure o sucesso na vida, mas um amplo espectro com sete variedades principais, chamadas de múltiplas inteligências (GARDNER, 1983). São elas:

- Lógico-matemática: Capaz de fazer deduções e realizar operações matemáticas;
- Linguística: Capacidade de usar a fala, a escrita e a aprendizagem de novos idiomas;
- Espacial: O modo como podemos reconhecer e manipular situações que façam uso do caráter visual;
- Físico-cinestésica: A forma como usamos o corpo para resolver situações ou para produzirmos algo;
- Interpessoal: Semelhante à empatia, é como enxergamos o outro, suas intenções e desejos e, dessa forma, nos relacionarmos de forma positiva com a sociedade;

- Intrapessoal: É o potencial próprio que conhecemos e usamos do nosso entendimento pessoal a fim de alcançar algum objetivo;
- Musical: Aptidão para tocar, para a música e os sons em geral.

Além das dimensões anteriormente apresentadas, há a possibilidade da existência de mais três dimensões: a naturalista, que é quando o indivíduo é sensível às questões naturais; a existencial, que está relacionada à compreensão do que transcende o âmbito corpóreo e a pictográfica ou de desenho que, segundo Antunes (1998, p. 66), “é frequente nos profissionais das áreas de montagem de cenários, decoração, *designer*, ilustração, *marketing*, publicidade, cinema e televisão”.

Com base nos conceitos de inteligência intra e interpessoal apresentados por Gardner, Goleman fundamenta o termo Inteligência Emocional, sendo esta definida como sendo um equilíbrio entre as inteligências acima mencionadas. Dessa forma, uma pessoa com forte Inteligência Emocional possui fortes inteligências inter e intrapessoal e um bom equilíbrio entre elas.

O conceito de Inteligência Emocional desenvolvido por Goleman (2006) tem como característica a capacidade de identificar os nossos próprios sentimentos, bem como os dos outros, de nos motivarmos e de podermos administrar bem as emoções dentro de nós e do nosso convívio. Com isto, entende-se a ideia de que uma pessoa emocionalmente inteligente é capaz de gerir bem suas emoções. Dessa forma, podemos compreender que a multiplicidade relacionada à inteligência e também à emoção é de fundamental importância para a construção do conhecimento, e juntas caracterizam a capacidade de cada um.

Tendo em vista a importância de entendermos a multiplicidade das inteligências, sua aplicabilidade à vida das pessoas e a importância do entendimento do termo inteligência emocional, trataremos sobre a importância dessas das emoções para a educação.

2.2 EDUCAÇÃO EMOCIONAL

A partir das pesquisas de Gardner e Goleman sobre as múltiplas inteligências, houve uma reviravolta nos estudos sobre a inteligência e a emoção. Durante muito tempo a emoção era tida como o contrário da razão. Embora, nas pesquisas relacionadas à emoção, entende-se que as duas são um forte estímulo para a cognição.

Todas as pessoas manifestam uma reação diante alguma situação, embora a reação seja diferente para cada pessoa. No contexto de uma situação desagradável, é normal que se tenha uma reação extremada, com um tipo de resposta não-racional. Esta reação irá depender, exclusivamente, de todo um contexto no qual a pessoa que a expressou convive: culturalmente e ambientalmente. De acordo com Wedderhoff (2001), é na influência cultural e ambiental que, juntamente com o conhecimento dos seus padrões individuais, se pode avaliar de forma coerente uma reação e, conseqüentemente, a inteligência.

Para Santos (2000) a Educação Emocional vai permitir que a pessoa possa acessar a energia psíquica e, dessa forma, poder adequar a sua reação diante um contexto específico. Portanto, faz-se necessário aprender a equilibrar os sentimentos e emoções para que não se reaja de forma reativa e impulsiva. É importante que se tenha uma atitude positiva perante à vida, bem como de estar consciente das suas limitações e das do outro.

Dessa forma, a escola, deve apostar na formação de competências sociais e emocionais, pois é nela que as crianças passam a maior parte do tempo, além de ser o local, como dito anteriormente, onde se constituem um dos maiores agentes de socialização.

Faria (2011) afirma que deve existir uma alfabetização para as emoções. Ou seja, o espaço acadêmico deveria ter como objetivo, dentre outras coisas, educar os alunos e jovens para lidarem melhor com suas emoções, melhorando as relações entre si e o próximo.

De fato, um ser humano emocionalmente inteligente tem a capacidade de desenvolver melhor suas aptidões escolares, seus interesses pelo futuro,

além da capacidade de ser empático, de poder enxergar as emoções dos outros e lidar com as mesmas, tendo, dessa forma, um convívio social harmonioso. Ou seja, a educação emocional deve ser entendida como um meio que possa otimizar o processo de ensino-aprendizagem.

Além disso, o professor tem com função transpor a barreira que lhe é imposta em toda a sua formação, quando o mesmo é preparado para transmitir conhecimentos, alimentando apenas o cognitivo do aluno. Como dito anteriormente, o ambiente escolar, quando emocionalmente equilibrado, promove uma aprendizagem de forma positiva. O professor, quando preocupado com as questões emocionais dos seus alunos, promove o desenvolvimento do ser humano com toda a sua multidimensionalidade.

Segundo Wedderhoff (2001, p.6),

[...] parece bastante evidente, que a partir do momento em que o professor for capaz de reconhecer as emoções de seus alunos (alegria, tristeza, medo, raiva, vergonha...), inevitavelmente, estará criando um canal extremamente fértil e acessível para uma perfeita interação.

Rêgo e Rocha (2009) consideram que a Educação Emocional em meio escolar é de fundamental importância para o decréscimo da violência. Os trabalhos em torno da resolução de conflitos levam a uma escolha de reações não agressivas, buscando a solução do problema de forma a pensar positivamente, permitindo usar a cognição antes da resposta, adequando-se à situação.

Embora a escola tenha uma importância fundamental para a educação emocional dos alunos, Morales e Zafra (2009) afirmam que a família não pode se abster desta responsabilidade. No próximo capítulo trataremos sobre a importância da participação da família no ambiente escolar, sua influência no processo de ensino e aprendizagem da criança, bem como a formação desta, enquanto ser social.

2.3 RELAÇÃO FAMÍLIA E ESCOLA: A IMPORTÂNCIA DA PARCERIA COM VISTAS À OBTENÇÃO DE UMA ABORDAGEM INTEGRAL

Mesmo com a compreensão anteriormente abordada sobre a importância da escola e da família para a formação do ser, ainda hoje se observa uma discussão em relação às responsabilidades da escola e da família para com a formação do indivíduo. Os diversos estudos nessa área buscam uma forma harmoniosa para que esse relacionamento ocorra de forma sadia. A partir dos princípios da Constituição Federal Brasileira (1988), afirma-se que

Art. 205. A educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade, visando ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania e sua qualificação para o trabalho (BRASIL, 2003, p.122)

De acordo com Castro (2000, p. 205), a família é a “célula *mater* da sociedade”, o que significa afirmar que, além da sua importância no papel cognitivo, também possui papel na formação do indivíduo em seu caráter biopsicosociológico. Ela é a grande formadora de conceitos que permearão toda a vida do ser, a partir do momento que introduz condutas e valores. Através dos conceitos introduzidos pela família, a escola pode entender e explicar de forma mais ampla o que é um ser social e sua importância em comunidade.

Visto a importância do papel da família, entende-se a escola como uma ação em conjunto, pois ambas possibilitam a construção de valores, a atuação diante da sociedade, além da formação do indivíduo em toda sua multidimensionalidade. Enquanto muitas escolas ainda se detêm unicamente à dimensão cognitiva, uma boa relação com a família favorece uma abordagem mais ampla e integral do aluno.

Como abordado por Rohr (2010), o campo de ensino ainda se constitui, por assim dizer, incompleto. A ideia de integralidade humana infelizmente ainda não é tema fundamental para a formação docente, visto que a partir do

entendimento do que constitui o ser humano, seria possível emergir formas de superação das adversidades que fazem parte do dia a dia.

Segundo o autor, tudo que tem caráter reducionista vai contra o conceito de integralidade humana. Segundo ele, a princípio, existem cinco dimensões, denominadas básicas, que são elas:

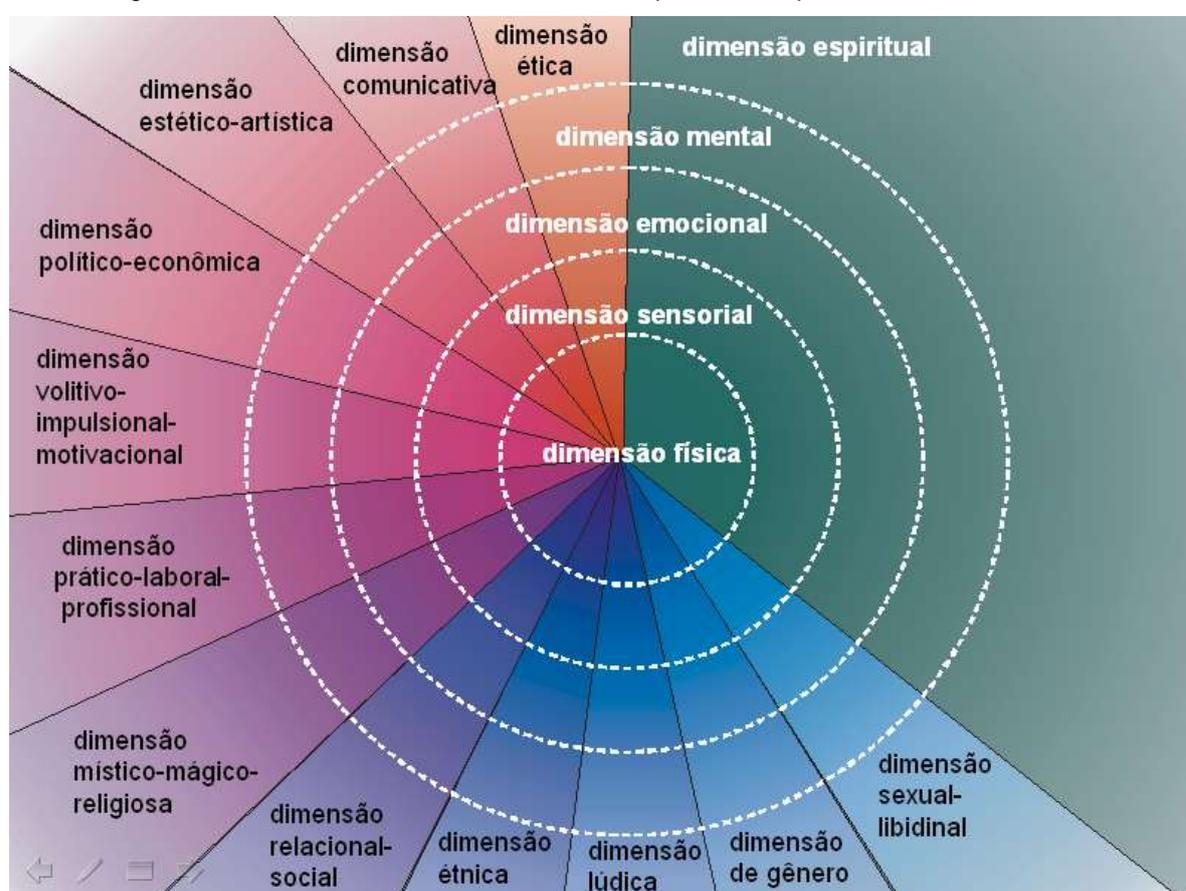
- Dimensão física, que se preocupa com o caráter físico, corporal;
- Dimensão sensorial, relativa aos nossos sentidos e a percepção que eles nos causam;
- Dimensão emocional, que abrange nossas emoções, nossa psique e tudo o que as envolve;
- Dimensão mental, que aborda como prioridade o caráter racional do ser humano, compreendendo também sua forma de pensar, refletir, imaginar, de compreender e criar ideias, assim como também é responsável pela nossa intuição.
- Dimensão espiritual, que não está necessariamente interligada à religiosidade, embora algumas religiões detenham características dessa dimensão, pois abrangem princípios que se tornam verdadeiros a partir da nossa identificação com eles.

As dimensões acima citadas seguem uma ordem da mais densa a mais sutil, isso porque as dimensões mais densas são mais fáceis de serem influenciadas pelas ações decorrentes do dia a dia, enquanto a dimensão mais sutil é mais difícil de ser acessada. A dimensão mais sutil é chamada de dimensão espiritual e a dimensão mais densa, a física. Rohr (2010) diferencia as dimensões mais densas, chamando-as de imanentes e a mais sutil como sendo transcendente. Segundo ele:

[...] Das dimensões imanentes temos evidências constantes. A dimensão espiritual transcende a realidade empiricamente verificável e nem por isso deixa de ser realidade para quem se volta para ela e se compromete com ela. Posso viver nas dimensões imanentes sem ser comprometido com nenhum aspecto delas. Entro na dimensão espiritual no momento em que me identifico com algo, em que eu sinto que isso se torna apelo incondicional para mim (ROHR, 2010 p. 15).

Além das dimensões que foram citadas, há outras dimensões chamadas de temáticas ou transversais, pois elas perpassam as dimensões básicas. São elas: a dimensão relacional-social, a prático-laboral-profissional, a político-econômica, a comunicativa, a sexual-libidinal e de gênero, a étnica, a estético-artística, a ética, a místico-mágico-religiosa, a lúdica e a volitivo-impulsional-motivacional (ROHR, 2010). A figura 1 representa o modelo apresentado por Rohr sobre a multidimensionalidade citada.

Figura 1 – Modelo da multidimensionalidade apresentado por Rohr



Fonte: Diálogos em Educação e Espiritualidade (RÖHR, 2010)

A família poderia participar ativamente do processo de abordagem integral de seus filhos, auxiliando a escola também nessa direção. Segundo Zagury (2002 p.175),

[...] a aproximação da instituição educativa com a família incita-nos a repensar a especificidade de ambas no desenvolvimento infantil. São ainda muitos os discursos sobre o tema que tratam à família de modo

contraditório, considerando – a ora como refugio da criança, ora como uma ameaça ao seu pleno desenvolvimento.

De fato, faz parte da realidade de muitos jovens e crianças que a família não se resume a um refúgio, devendo ser um local permeado de afeto, onde a criança possa se sentir segura, mas, infelizmente, isso nem sempre acontece.

Um dos problemas enfrentados pela educação é o entendimento equivocado do que seria de responsabilidade da educação. Para algumas famílias, é dever da escola cumprir todo o papel na educação das crianças. Por outro lado, esse papel também não é exclusivo da família. Ou seja, ambas, família e escola, podem e devem participar conjuntamente da formação das crianças e adolescentes, transmitindo ensinamentos sobre os valores morais e sociais. Neste sentido, é na satisfatória parceria entre escola e família que se formam boas pessoas.

De acordo com Szymanzki (2003 p.22) “é na família que a criança encontra os primeiros “outros” e, por meio deles, aprende os modos de existir – seu mundo adquire significado e ela começa a constituir-se como sujeito”. A escola, contudo, tem a obrigação de ensinar (bem) conteúdos específicos de áreas do saber, escolhidos como sendo fundamentais para a instrução de novas gerações.

Porém, como citado anteriormente, o ser humano não é composto apenas pela dimensão cognitiva. É preciso entender toda a multidimensionalidade que o constitui e, para tal, como já dissemos, é preciso um trabalho em conjunto entre aqueles que o rodeiam. Dessa forma, a escola não deve ser vista como um “depósito de alunos” e é dever da família se inteirar do que está acontecendo no âmbito escolar e vice-versa. É essa comunhão que caracteriza uma boa estrutura para a formação da pessoa como ser social, emocionalmente e cognitivamente inteligente.

Tendo em vista o entendimento sobre a necessidade do convívio entre família e escola e a importância de compreender as diversas dimensões que constituem o ser humano, abordaremos a seguir a importância da família e da escola para que a pessoa possa enfrentar as diversas situações do dia a dia de forma sábia e coerente.

2.4 RESILIÊNCIA E FORMAÇÃO HUMANA

O conceito de Resiliência remete à Física, que compreende que se trata da resistência que determinado material possui ao choque, podendo, desta forma, retornar à sua forma original. Não obstante, quando tratamos do mesmo tema, remetendo à ideia da Psicologia, resiliência é a capacidade de se distanciar do passado, metamorfoseando o evento que lhe causou algo negativo, tornando essa memória algo glorioso ou divertido (CYRULNIK, 2004).

Embora possamos ter uma ideia do que é resiliência, na Psicologia ainda não há um conceito definido como, por exemplo, existe para a Física. Segundo Lima (2010, p.4) em Psicologia ele “não pode ser visto como sinônimo de resistência, não significa voltar ao mesmo estado, e sim transformar-se, crescer mediante a capacidade de enfrentar situações consideradas estressantes”.

A resiliência é, nesse sentido, um fator dependente da relação do homem com o meio, pois é a partir da vivência de experiências consideradas estressantes que se é capaz de desenvolver essa característica. Essas experiências anteriormente citadas são chamadas de mecanismos de risco, que são situações que podem ser propícias para que a pessoa desenvolva a sua resiliência. Esses fatores de risco estão, segundo Barros (2014), relacionados aos aspectos negativos que surgem ao decorrer da vida, bem como as diferentes maneiras que operam durante períodos diferentes da vida da pessoa.

Diante desse conceito de risco, podemos distingui-los em dois: proximal e distal. O primeiro está relacionado com a carência de variáveis mediadoras, que seriam, por exemplo, a falta de cuidado familiar ou conflitos entre os pais. Já o segundo, é aquele que não atinge diretamente a criança, que vai de encontro diretamente aos pais.

São conhecidos como mecanismos de proteção toda aquela situação que vem a ser como uma barreira para as situações de risco, ou seja, atuam

para favorecer o desenvolvimento do humano, mesmo quando este encontra-se imerso em situações que lhe expõe ao risco.

Segundo Assis, Pesce e Avanci (2006), esses mecanismos surgem do contato direto com os recursos familiares e sociais favoráveis, que encontram-se disponíveis à criança, como também com as próprias forças que a mesma possui para lidar com as adversidades que não de surgir.

A escola se encaixa como um ambiente propício para surgimento desses mecanismos, visto que é lá onde a criança passa boa parte do seu tempo, além de ser o lugar onde ela desenvolve laços afetivos com outras pessoas fora de sua casa. Além disso, a presença do professor para a criança remete à ideia de confiança, o que é um fator fundamental para que se desenvolvam mecanismos de defesa de forma eficaz.

Segundo Barros (2014, p. 7),

[...] depois da família, a escola é o meio fundamental e essencial para que as crianças, na sala de aula, adquiram as competências necessárias para ter sucesso na vida, por meio da superação das adversidades.

Quando a criança sofre da carência de um laço afetivo familiar, cabe a escola o papel, de fundamental importância para a resiliência, de ir além da sua função de transmitir conhecimentos. De acordo com Assis, Pesce e Avanci (2006), dar essa tarefa à escola pode promover, além de incentivar, uma melhora na saúde e qualidade de vida do aluno, já que tem um papel relevante na formação dos seres humanos através de seus exemplos e posturas.

Nesse sentido, para que uma escola seja resiliente, é preciso que os professores tenham em mente a importância de preparar os alunos para desenvolver estratégias de fortalecimento frente às adversidades que possam surgir.

Segundo Barros (2014, p. 8),

a transformação da escola em uma comunidade resiliente exige, sobretudo, um olhar atento do docente, pois ele próprio precisa ir-se construindo como uma pessoa que detém esse fator diferencial

Para Molina (2007), a construção da confiança e laços de afetividade que favoreçam o exercício das nossas capacidades de escuta e de reflexão exigem habilidades teóricas que, por sua vez, dependem de circunstâncias materiais e temporais, circunstâncias essas que os professores detêm cada dia menos. Dessa forma, o exercício da confiança está cada dia mais se tornando um desafio.

Fazendo uso desse conhecimento, trataremos da análise feita com base no que foi abordado nos capítulos anteriores, a fim de compreender a necessidade de uma formação docente preocupada com a educação emocional e toda a sua complexidade.

3 METODOLOGIA

De início, é válido afirmar que antes de termos iniciado a pesquisa em questão, a escola alvo deste estudo foi procurada e a docente que foi observada, e também entrevistada, assinou um termo de Termo de Consentimento Livre e Esclarecido – TCLE (Apêndice 1). Além disso, a escola recebeu previamente uma Carta de Apresentação (Apêndice 2) referente à pesquisa elaborada.

3.1 LOCAL E PERÍODO

Esta pesquisa teve como objetivo a análise e entrevista de uma docente de uma escola da rede privada do interior de Pernambuco. A seguir, no Quadro 1, apresentaremos as características gerais da escola onde a realizamos. Como pudemos perceber, trata-se de uma escola de grande porte, bem estruturada e equipada, com quadras poliesportivas e áreas de lazer.

Quadro 1 – Características gerais da escola pesquisada⁵.

Funcionamento	Dois turnos (matutino e vespertino)
Total de alunos	Aproximadamente 850 alunos
Salas de Aula	14 salas
Biblioteca	Sim
Cozinha	Não
Secretaria	Sim
Banheiros	Quatro para os alunos (dois masculinos e dois femininos) e três para funcionários (um masculino, um feminino e um unissex)
Área reservada para reuniões e/ou eventos	Sim, um auditório
Outros	Recepção, Laboratório de matemática e de informática, duas salas de coordenação, sala dos professores, sala de dança, quadras poliesportivas.

⁵ Decidimos caracterizar a escola a título do leitor conhecer um pouco sobre o contexto onde a pesquisa foi realizada.

O estudo foi realizado em dois momentos: No primeiro e no segundo semestre de 2018. No primeiro momento iniciamos a coleta de dados através de observações e no segundo momento, além de enriquecermos nossos dados com mais observações, realizamos uma entrevista com a docente (Apêndice 3) com vistas a aprofundarmos nossas impressões.

3.2 CLASSIFICAÇÃO DA PESQUISA

A princípio, nossa pesquisa se classificou como exploratória através de um estudo de caso. O estudo de caso se caracteriza como sendo uma análise de modo a aprofundar uma unidade individual, que no nosso caso foi a prática de uma docente.

Segundo Gil, (2008, p.58),

[...] o estudo de caso é caracterizado pelo estudo profundo e exaustivo de um ou de poucos objetos, de maneira a permitir o seu conhecimento amplo e detalhado, tarefa praticamente impossível mediante os outros tipos de delineamentos considerados.

Este tipo de pesquisa tem por objetivo responder questionamentos que o pesquisador, até então, não conhece de forma completa. Além disso, foram realizados estudos de textos de diversos autores com vista a obter uma fundamentação teórica acerca do tema Inteligência Emocional e Formação Humana.

Segundo Gil (1991), as pesquisa podem se classificar como sendo: Quantitativa, onde se visa à obtenção de valores numéricos que representam os dados obtidos; Qualitativa, quando o pesquisador é o responsável por analisar as informações obtidas, de modo que esse tipo de pesquisa possa ser classificado em interpretações de caráter subjetivo; Pesquisa mista, que engloba os dois tipos de pesquisa citados anteriormente; Pesquisa exploratória, que busca orientar e formular hipóteses; Pesquisa conclusiva, onde se busca respostas para um questionamento específico; Pesquisa bibliográfica, que é elaborada a partir de livros, artigos que atualmente podem ser encontrados na internet e; Pesquisa documental, que é elaborada a partir de materiais que não receberam um tratamento analítico.

Em busca de resultados de caráter qualitativo, realizamos uma análise de campo, tendo como objetivo compreender como se dava a importância de uma Educação Emocional na prática docente. É importante mencionar, que o método qualitativo se caracteriza por analisar o caráter do sujeito alvo de uma pesquisa ou estudo, focando em suas particularidades e experiências de forma individual.

3.3 INSTRUMENTOS E PROCEDIMENTOS DE COLETAS DE DADOS

- Observação

De acordo com Silva e Aragão (2012), a observação é fundamental para que se possa analisar e compreender as relações dos objetos dessa observação com o meio em que vivem.

Segundo Oliveira (2008), a participação do pesquisador durante as observações, pode ser do tipo:

1) *Participante completo*, quando o alvo dos estudos não se identifica com o pesquisador no ambiente observado. Isso pode ocorrer quando há possibilidade de dificuldades serem geradas pelo grupo de análise, assim dificultando parcial ou totalmente a análise científica. Neste caso, nota-se que o pesquisador invade o campo de pesquisa, sem deixar claro suas intenções. Com isso, a pesquisa pode não ser completada devido ao fato de que se pode chegar o momento em que o pesquisador precise agir e com isso não consiga disfarçar quais os seus objetivos;

2) *Participante como observador*, onde o alvo dos estudos está ciente da pesquisa que se inicia e o pesquisador obteve permissão para que esta pudesse ser realizada. Após essa permissão, o pesquisador procura se inteirar do campo de estudo para que possa compreender como ocorrem os fenômenos que deseja analisar. Na medida em que este processo acontece, o pesquisador vai tomando nota de tudo o que será de valia para o seu estudo até obter o resultado desejado.

3) *Observador como participante*. Neste caso não há interação entre as partes e não se deseja obter um contato mais ativo entre eles, podendo haver apenas um questionário; e, por fim,

4) *Observador total e completo*, onde este tem o papel de apenas observar, não interagindo de forma alguma com os sujeitos.

Nesta pesquisa, as observações se classificaram como sendo *participantes como observador*, pois, para que ela ocorresse, foi autorizada previamente, além de ter sido permitido o contato direto com as salas de aula e com parte do seu corpo docente.

Como citado anteriormente, Santos (2000) entende que a Educação Emocional pode permitir que a pessoa acesse a energia psíquica e, assim, possa adequar a sua reação diante um contexto específico. Dessa forma, entende-se a importância das observações, bem como compreender a necessidade de uma Educação Emocional voltada ao ambiente escolar.

Realizamos observações da dinâmica de uma turma de 5^o ano (vespertino), de uma escola privada da cidade de Gravatá-PE, a fim de entender de que forma a professora interpretava os acontecimentos diários em sala de aula, bem como quais eram as suas estratégias para lidar com as emoções provenientes desses acontecimentos, tanto em sala de aula, quanto em relação às situações que independiam do ambiente escolar.

Ou seja, entendemos a prática da observação como sendo de fundamental importância para que tivéssemos um contato direto com a atuação da docente e, dessa forma, pudéssemos obter uma melhor compreensão a respeito do que a mesma entendia por emoções e Educação Emocional bem como de que modo se dava o enfrentamento das situações em que a mesma precisava possuir uma Inteligência Emocional adequada.

As observações realizadas foram redigidas e algumas delas foram transcritas, pois foram gravados alguns áudios, de forma minuciosa a fim de registrarmos com detalhes o comportamento da docente diante do ocorrido durante as aulas.

- Entrevista

A entrevista, segundo Oliveira (2008, p.12), “[...] é um dos principais instrumentos usados nas pesquisas das ciências sociais, desempenhando papel importante nos estudos científicos.” Através dela podemos ter um diálogo direto com o alvo de nossa pesquisa, podendo deixá-lo mais à vontade e, dessa forma, obtermos melhores informações sobre aquilo que estamos estudando.

Segundo Oliveira (2008), os tipos de entrevistas são: 1) Estruturadas, que apresentam perguntas que devem ser aplicadas na mesma ordem em que se apresentam; 2) Não estruturadas, que apresentam um quantitativo de questões, mas que estas não são específicas e nem fechadas; e, por fim, 3) A semiestruturada, que se encontra entre as duas, pois além do que foi dito nas duas anteriores, nesta, o pesquisador pode acrescentar alguma pergunta que sinta necessidade de fazer naquele momento. Neste trabalho, abordaremos apenas a entrevista semiestruturada.

De acordo com Manzini (1991), a entrevista semiestruturada tem como foco um determinado assunto sobre o qual se elabora uma sequência de questionamentos que, por sua vez, são complementados por outras questões inerentes às circunstâncias do momento em que ela é realizada. A importância deste tipo de entrevista se dá pelo fato de que a mesma possui um caráter informal, possibilitando ao entrevistado sentir-se mais livre quanto à abordagem das questões.

Em um segundo momento realizamos uma entrevista semiestruturada junto à docente, envolvendo conhecimentos sobre o tema da Inteligência Emocional e sua importância para a educação e para a prática docente.

A entrevista aconteceu em uma das salas de coordenação, apenas com a docente presente e, após a autorização da mesma, foi gravada em formato de áudio. Ela teve uma duração de aproximadamente 45 minutos.

Além da entrevista a indagamos de modo informal, nos horários disponíveis entre as aulas, com duração breve de, no máximo, 10 minutos. Esse tipo de conversa ocorria enquanto a mesma dirigia-se à sala dos professores, no horário dos intervalos. O conteúdo desses diálogos também foi

registrado juntamente às anotações realizadas durante as observações, de forma minuciosa, porém, dando ênfase às respostas relacionadas ao comportamento da docente diante das situações ocorridas.

Optamos por este tipo de diálogo para que as questões, na medida em que fossem surgindo, pudessem ser esclarecidas facilitando a nossa compreensão sobre as motivações e lógicas de raciocínio da docente. Além disso, a necessidade de um diálogo com a mesma fora da sala de aula possibilitou que ela pudesse se sentir mais à vontade com a nossa presença, visto que até então ela buscava justificar as posturas adotadas, como se precisasse prestar contas de seus atos.

Através dos textos inicialmente estudados e das observações que foram realizadas, pudemos construir uma linha de pensamento relacionada ao entendimento da docente acerca do tema Inteligência e Educação Emocional, conforme exibiremos no tópico seguinte.

- Análise dos dados

Nossos resultados, apresentados no próximo capítulo, foram analisados através de observações de forma não participante onde se poderá notar o comportamento da docente em questão, dando ênfase à prática emocional em sala de aula. De forma a complementar essas observações, a entrevista semiestruturada veio a ser um meio onde foi possível realizar questionamentos acerca do que foi observado, e de entender como a docente lidava com a emoção no dia-a-dia, tanto no ambiente escolar, como fora dele, de forma a poder entender o ser humano em toda sua integralidade.

De posse dessas duas ferramentas, podemos chegar aos nossos objetivos iniciais, apresentados no próximo capítulo.

4 RESULTADOS E DISCUSSÃO

Realizamos 36 horas de observação *in loco*, em sala de aula, a fim de acompanharmos o dia a dia, como já dissemos, de uma docente junto a sua turma do 5º ano do Ensino Fundamental.

Ao longo dessas horas percebemos a presença de dois alunos que possuíam problemas mentais, Autismo e Síndrome de Asperger cujos diagnósticos, segundo a professora, haviam sido informados à escola pelos próprios pais destes alunos. Consideramos, contudo, ser tão ou mais necessário tomar conhecimento do diagnóstico, a existência de uma formação profissional especializada dos docentes com vistas a acolher os alunos de modo adequado a sua necessidade. Registramos, infelizmente, que não percebemos um preparo da professora para acompanhar esses alunos especiais, já que ela não parecia se direcionar especificamente a eles, acolhendo-os em suas peculiaridades. Segundo ela, inclusive, a escola também não oferecia um suporte que pudesse auxiliá-la no processo de ensino para com os mesmos.

De acordo com Frias e Menezes (2009 p. 3),

considerando que os fundamentos teórico-metodológicos da Educação Inclusiva baseiam-se numa concepção de educação de qualidade para todos e no que diz respeito à diversidade dos educandos, é imprescindível uma participação mais qualificada dos educadores para o avanço desta importante reforma educacional para o atendimento das necessidades educativas de todos os alunos, com ou sem deficiências. Infelizmente, o despreparo dos professores figura entre os obstáculos mais citados para a educação inclusiva.

Ainda em relação aos alunos com necessidades especiais, notamos que, durante as atividades em sala de aula, os demais alunos sentiam-se felizes em mostrar seus feitos para aqueles, ajudando os mesmos diante de alguma dificuldade, os apoiando, encorajando-os e mostrando que eles também eram capazes de realizar proezas.

No que diz respeito à nossa presença em sala de aula, a docente, na maior parte do tempo, pareceu preocupada, justificando-se reiteradas vezes, perguntando o que eu estava registrando, se o que eu estava observando era o

esperado, dentre outras coisas. É válido ressaltar que só pudemos chegar a essa suposição *a posteriori*, no decorrer das observações.

A princípio percebemos empatia e/ou preocupação com a saúde emocional dos alunos, estando sempre aberta e solícita para com os mesmos. Pudemos constatar, no decorrer das observações, que a docente se deixava envolver por emoções externas, muitas vezes, referiu cansaço físico e mental, não sendo tão empática quanto foi pontuado anteriormente. Ela demonstrava, nessa situação, está sendo mais autêntica, talvez não estando se sentindo mais ameaçada pela nossa presença em sala de aula como antes.

Podemos citar uma situação demonstrando certo desequilíbrio emocional, quando percebemos que a professora estava trazendo à sala de aula os problemas referentes às festas juninas que estavam se aproximando. Ela considerou que a gestão escolar a estava irritando através de uma cobrança excessiva. Além desse exemplo, pudemos perceber que a mesma deixava transparecer irritação quando os alunos atrapalhavam seu raciocínio quando ia realizar algum questionamento. Como citado anteriormente, Santos (2000) afirma que a Educação Emocional vai permitir que a pessoa possa adequar a sua reação diante um contexto específico. Dessa forma, vê-se a importância de aprender a equilibrar os sentimentos e emoções para que não tenha uma reação impulsiva.

Além dessas observações, realizamos uma entrevista semiestruturada com a docente, quando então foi possível conhecermos um pouco sobre sua história acadêmica, além dos conhecimentos sobre o estudo-alvo dessa pesquisa.

A mesma era formada em Letras, com especialização em Língua Portuguesa. Ela tinha 51 anos de idade, exercendo o magistério há 33 anos. Trabalhava cerca de oito horas por dia, distribuídas na escola alvo desta pesquisa (onde lecionava, em média, há 15 anos) e em outra escola da rede pública estadual e municipal, da qual já está aposentada.

Quando questionamos sobre suas impressões desse período de atuação, ela trouxe duas realidades vivenciadas: A da escola pública e a da particular. Na primeira, relatou que o processo de ensino e aprendizagem era

mais difícil do que na escola particular pela falta de uma educação de base daquela.

De acordo com Lima (2010 p. 3),

há uma certa diferença no que se refere ao desempenho e qualidade de ensino comparando a escola pública e a particular, pois esta última sofre uma pressão tanto do mercado, quanto dos pais, pois estão pagando e exigem um melhor resultado, o que leva a escola a cobrar mais dos professores, melhorando, assim, os níveis dessa educação, mesmo que de forma não tão satisfatória, no tocante a qualidade.

Quando perguntamos se a idade dos alunos influenciava no processo de ensino e aprendizagem, a mesma negou, embora tenha afirmado que os alunos matriculados no EJA (Educação de Jovens e Adultos), embora não possuíssem a mesma disposição que os alunos mais novos, eram mais respeitosos, em relação aos das turmas de adolescentes e crianças com quem trabalhava.

Como podemos observar, segundo Carvalho (2014, p. 6),

muitos jovens não respeitam a autoridade do professor em sala de aula. Não é raro vermos casos de professores serem agredidos dentro do ambiente escolar. Muitas vezes, a relação familiar e o meio social em que estes jovens estão inseridos pode influenciar nesse mau comportamento por parte dos jovens [...]

Com isso, pode-se perceber que a falta de respeito para com os docentes por parte dos estudantes é algo frequente, e que esse comportamento pode ser influenciado pelo convívio familiar. Mostrando-se contrária ao que foi descrito, buscamos entender se havia alguma metodologia específica que a docente fazia uso para que pudesse justificar sua afirmação. A mesma mencionou que, devido ao fato de já possuir uma idade que caracterizou como sendo “avançada”, ela entendia que esse respeito se dava, não devido a sua posição como docente, mas a sua idade e a sua experiência vivida.

Questionamos sobre a importância da relação entre docente e aluno. Para ela, era de grande importância. Ela exemplificou como acontecia essa aproximação em suas práticas docentes fornecendo exemplos pessoais, com histórias de vida de pessoas próximas, aproximando os alunos à

aprendizagem, principalmente para com os alunos da escola pública. Pontuou que uma boa relação se refletia em um bom retorno da aprendizagem.

De fato, percebemos e entendemos que trazer qualquer conteúdo que aborde a realidade do aluno ajuda no processo de aprendizagem, pois é nesse contato com o real que o aluno se sente inserido e compreende com maior facilidade o tema abordado. Isto deixa claro que a docente compreende a importância dessa aproximação com o aluno, não se mantendo numa posição onde ele a enxerga de forma “inatingível”.

Perguntamos, também, se a mesma acreditava que suas emoções interferiam no processo de ensino e aprendizagem. Ela comentou que se deixava envolver pelas emoções diante de situações repentinas, perdendo o foco da aula e a concentração de antes. Da mesma forma, acreditava que as emoções dos alunos interferiam na relação que se estabelecia no espaço acadêmico.

Afirmou que as emoções atrapalhavam sim, as suas aulas, mas que era difícil não se expor. Exemplificou situações de luto, quando chegou a pedir ajuda de outros profissionais da instituição de ensino para que suas emoções não interferissem na sala de aula. Para ela, o fato de demonstrar suas emoções poderia comprometer o andamento das aulas, porque os alunos percebiam sua mudança de estado emocional e a questionavam sobre o porquê disso. Dessa forma, mencionou que sempre tentava não demonstrar o que estava acontecendo, deixando a sua vida pessoal “de lado” e tentando ser uma profissional melhor.

De fato, como abordado anteriormente, não podemos ignorar as multidimensões que compõem o ser humano. É preciso compreender que todas elas são importantes e que todas recebem influências do meio. Como foi dito anteriormente é a partir do entendimento do que constitui o ser humano que se torna possível emergir formas de superação das adversidades que fazem parte do dia a dia.

Embora se contradiga em alguns momentos, quando disse que deixava os problemas pessoais “fora dos portões da escola”, ser transparente é um aspecto encarado por nós como positivo. Mesmo tentando disfarçar suas emoções, ela se caracterizou como uma pessoa transparente, que não

conseguia sair de uma situação difícil sem que as outras pessoas percebessem, novamente exemplificando a situação de luto.

Esconder ou reprimir as emoções são atitudes que possuem consequências. Como já abordado, todo ser humano é formado por uma multidimensionalidade e reprimir qualquer uma de suas dimensões não trará resultados positivos para uma Educação Emocional⁶. A postura de se apresentar como ser humano para os alunos, demonstra que é importante reconhecer suas limitações e compreender que, além de ser uma docente, é uma pessoa que vivencia situações adversas que podem afetar o seu emocional. Neste sentido, faz-se necessário acolhê-lo e buscar lidar com ele equilibradamente, não o escondendo atrás de uma profissão.

Neste sentido, uma postura humana também passa pela autenticidade e empatia. Podemos considerar que esconder, ou reprimir as emoções, são atitudes que possuem consequências e uma delas é o distanciamento afetivo. É preciso entender que buscar reprimir e/ou relegar, de modo persistente, uma emoção não trará resultados positivos para o processo de aprendizagem. Faz-se necessário que o professor se apresente como um ser humano comum, dotado de alegrias, satisfações, mas também de problemas e situações que podem, em dadas ocasiões, afetar o seu emocional, sendo necessário aprender a lidar com as mesmas, não desejando transmitir uma imagem de infalibilidade e/ou se escondendo atrás de uma profissão. Ao agir com naturalidade, favorece-se a criação de uma relação de confiança entre os pares, fortalecendo seus laços.

Em outra ocasião, ela afirmou ter tomado uma atitude em relação aos alunos que se arrependeu. Ela afirmou que se deixou influenciar pelas emoções pessoais e colocou um deles para fora da sala, condicionando seu retorno à presença dos responsáveis. Na situação em questão, ela havia passado por uma discussão familiar e em seguida foi trabalhar na escola onde ocorreu o fato. Um dos alunos não obedeceu a um comando dela e ela o expulsou da aula. Após refletir um pouco sobre essa atitude, percebeu que a tomou de forma impulsiva e exagerada, o que a levou a revê-la.

⁶ Para maiores detalhes, vide página 26.

Indagamos, também, sobre a forma que ela lidava com os alunos mais bagunceiros. Ela nos respondeu que sempre que conseguia identificar um aluno assim, buscava alguma qualidade nele, identificava um talento no mesmo e usava isso como uma forma de resolver o problema que o mesmo causava em sala de aula. Para ela, muitas vezes era devido ao fato de ninguém notar suas potencialidades que o mesmo procurava chamar atenção. Dessa forma, ela fazia o possível para que o aluno se sentisse bem, elevando a sua autoestima. A professora nos contou também que agia da mesma forma com os alunos que eram mais quietos, tentando trazê-los para o convívio geral.

Questionamos, também, sobre o modo que agia diante de uma situação específica: Por exemplo, quando um aluno a irritava bastante e a mesma precisava defendê-lo em um conselho de classe. Nestas situações, respondeu que, do mesmo modo, sempre procurava alguma coisa positiva nele, buscando evitar o lado pessoal. De fato, é importante assumir posturas diferenciadas quando se avalia um aluno, postura essa que vise o desenvolvimento e a melhoria deste, como um todo. Analisá-lo levando em conta apenas o momento em que houve a situação de desagrado se mostraria reducionista, podendo até mesmo ser injusto. De fato, entender toda a multidimensionalidade que constitui o aluno é fundamental para o sucesso no processo de ensino e aprendizagem. Como dito anteriormente por Gardner (1983), não há apenas um modo de inteligência que assegure o sucesso na vida.

A única diferença que ela observava entre as escolas da rede pública e privada era a assistência que a escola proporcionava. A escola da rede privada, que foi alvo deste estudo, fornecia um sistema de apoio pedagógico específico⁷ onde os professores eram acompanhados tanto pedagogicamente, quanto espiritualmente, preparando-os, de certo modo, para serem professores humanizados. Já nas escolas da rede pública acreditava que não havia este tipo de assistência, havendo apenas programas pedagógicos voltados à melhoria dos métodos de ensino e aprendizagem.

Ao indagarmos sobre o que a professora entendia por pessoas dotadas de Inteligência Emocional considerou que seriam aquelas sensíveis em

⁷ O nome do Sistema empregado pela escola foi mantido no anonimato com vistas a garantirmos o sigilo da informação.

determinados momentos. Disse, também, que achava um tema muito importante e que deveria ser trabalhado em sala de aula. Exemplificou que notava essa Inteligência Emocional quando um aluno novato conseguia ser empático em relação aos demais. Por fim, considerou que pessoas emocionalmente inteligentes eram as pessoas que notavam a diferença na emoção dos outros.

Quando questionada sobre a existência de emoções boas ou ruins, afirmou que ambas existiam e que eram contagiosas. Exemplificou que uma pessoa que tinha emoções boas conseguia influenciar as outras de forma positiva. Já uma pessoa com emoções negativas, diminuía a autoestima das pessoas ao seu redor. Em sala de aula, a docente já presenciou esses tipos de atitude. Afirmou que era preciso estar sempre atenta para com eles, porque cada aluno agia de uma forma diferente e que era preciso ter experiência profissional para poder identificar certas situações.

De fato, é correto afirmar que uma das características de ser emocionalmente inteligente é a percepção das emoções dos outros. Porém, não se limita a essa percepção, englobando o entendimento das próprias emoções. O conjunto de emoções intra e interpessoal se faz necessário para a construção da inteligência emocional. Como é dito por Gardner (1983), e já mencionado neste trabalho, na Teoria das Múltiplas Inteligências, a inteligência interpessoal se refere à observação das emoções do outro, correlacionado esse termo à empatia, enquanto a intrapessoal é o potencial de conhecermos a nós mesmos. Essa última característica, contudo, foi ignorada pela docente quando apenas definiu uma pessoa emocionalmente inteligente como sendo aquela que se preocupava com o outro, com o interpessoal.

Afirmou, também, que era importante que os alunos recebessem um apoio familiar a fim de desenvolverem suas capacidades, visto que, para ela, um aluno que não tinha uma boa estrutura familiar, também não teria um bom desempenho escolar. Neste sentido, destacou a importância da interferência positiva da família nas emoções dos alunos. Para ela, embora não fosse obrigação da escola, a preocupação dos docentes com as emoções dos alunos os ajudariam muito. Segundo a professora, muitos alunos que não tinham apoio familiar, recorriam aos seus educadores em virtude da segurança que

estes proporcionavam, sendo essa postura mais frequente em escolas da Rede Pública. Acredita, portanto, que os alunos da escola Pública, por possuírem um contexto diferente dos alunos da rede privada, carecem, em maior parte, do apoio familiar, visto que muitos apenas frequentam a escola em busca de alimento e de apoio pessoal. Em meio às dificuldades financeiras vivenciadas, é possível que muitos se sintam sem esperanças em relação à existência de um futuro promissor.

Como vimos anteriormente, é fato que a dificuldade de estrutura familiar reflete no aprendizado do aluno, mas também é verdade há alunos, talvez a minoria, que a despeito das dificuldades vivenciadas no âmbito pessoal, encontram na escola um espaço motivador suficiente para terem sucesso em seus aprendizados.

A presença de professores tutores de resiliência contribui fortemente para que o aluno se sinta confiante e tenha mais chances de obter um bom desempenho escolar. De fato, é necessária a presença de um tutor no ambiente escolar, sobretudo quando o mesmo não é encontrado na família. Como foi dito anteriormente, segundo Barros (2014), após a família é na escola que a criança encontra o meio fundamental para que adquiram competências necessárias para o sucesso, por meio da superação de adversidades.

Segundo ela, a forma com que mantinha a atenção dos alunos era através de um diálogo aberto sobre determinado assunto de interesse deles. Principalmente quando estavam dispersos, uma boa conversa atraía a atenção dos mesmos, fazendo com que a aula ocorresse de forma produtiva. O comentário positivo que ouvia dos alunos em relação a sua preocupação com eles, a motivava a continuar agindo desse modo.

Como comentamos anteriormente sobre a presença de dois alunos com deficiência mental em sala de aula, perguntamos sobre sua preparação para ensiná-los. Ela nos contou que não houve nenhuma, mas que já havia tido contato com outros alunos com diversas deficiências e, com o passar dos anos, adquiriu experiência para ensiná-los. Afirmou que era importante esse contato com os alunos para que eles se sentissem incluídos em sociedade. Além disso, fez comentários sobre o preconceito de outros docentes com relação a isso e às questões raciais. Devido a essa constante forma de preconceito, ela

procurou sempre ressaltar as coisas boas desses alunos para que todos pudessem rever essa concepção equivocada sobre os mesmos.

Por fim, pudemos perceber que a professora sempre justificava seus atos como resultantes de uma formação recebida pela escola que lecionava. Como se tratava de uma escola de caráter religioso esse sistema, segundo ela, era o grande diferencial do seu comportamento em sala de aula, quando comparado ao de outros professores. Essa concepção tinha como lema “formar bons cristãos e honestos cidadãos” e era responsável pelo comportamento positivo da docente, tanto dentro, quanto fora da escola. De acordo com ela, portanto, essa metodologia a ajudava a atingir seus objetivos, favorecendo, aos poucos, a mudança da realidade dos alunos, tanto nas escolas da Rede Pública, quanto nas da Rede Privada.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

No presente trabalho analisamos o modo como as emoções atuavam na prática docente de uma professora do 5º ano do Ensino Fundamental. Através das observações e do questionário semiestruturado utilizado, pudemos estabelecer relações com as teorias apresentadas neste trabalho.

Como estabelecido anteriormente, o primeiro dos objetivos específicos foi “Analisar como a docente entendia a importância da Educação Emocional”. Durante as observações realizadas pudemos perceber que ela buscava não transparecer suas emoções diante dos alunos. Chegamos a esta conclusão, como já dissemos, pelo fato dela própria ter referido que buscava disfarçar as suas emoções quando estava em contato com os alunos. Ao questionarmos o que a professora entendia por Educação Emocional, a mesma mencionou que seria algo positivo, porém não conhecia profundamente o termo e sua importância para a Educação. Neste sentido, entende-se que a docente possuía uma ideia vaga do que seria inteligência emocional, aproximando-a apenas ao sentido da empatia do ser humano. Contudo, como vimos no referencial teórico, é necessário levar em conta também a forma como o outro lida com suas emoções, para que possa ter respostas de forma consciente, sem se deixar agir pelo impulso. Seria interessante que o professor reconhecesse os seus limites e assumisse uma postura de respeito e responsabilidade diante de si mesmo e do seu ofício. Isto implica em reconhecer os seus limites estando, contudo, atento para viver sua multidimensionalidade em toda sua complexidade. Mesmo que os alunos nem sempre saibam lidar com as instabilidades do docente, entendemos que esse tipo de vivência pode ajudá-los a amadurecer, inclusive, a desmistificar o lugar onde, porventura, tenha colocado este docente, como alguém infalível e que sempre teria que estar bem.

O nosso segundo objetivo específico foi: “Observar quais as estratégias emocionais eram utilizadas pela docente na ocasião de situações surgidas em sala de aula”. Pudemos referir que a professora, apesar de em alguns momentos deixar os alunos à vontade para compartilharem suas descobertas e curiosidades, agia diferentemente em outros momentos. Quando, por exemplo,

estava recebendo algum tipo de pressão, sua reação mudava, sendo mais rígida, deixando transparecer um pouco de suas emoções negativas.

A dificuldade que sentimos nos momentos das observações se deu ao fato de que a docente sempre buscava justificar os seus atos, o que nos fez supor que o seu comportamento variava de acordo com a nossa presença em sua sala de aula. Neste sentido, o fato de não termos um contato mais aprofundado com a realidade da professora, no dia a dia, durante todo o ano letivo, nos deixou um pouco em dúvida sobre a veracidade do seu comportamento e estratégias utilizadas para lidar com as emoções dos alunos. Por outro lado, como foram mais de 30 horas de observações, acreditamos que ela dificilmente conseguiria disfarçar sua real postura por tanto tempo. E mesmo que isso tenha ocorrido, o nosso compromisso sempre foi em retratar o que percebemos, sem assumir nenhum tipo de responsabilidade sobre o que os motivou por parte do observado.

Durante a entrevista, a professora ainda comentou um pouco sobre o comportamento adotado em sala de aula nas escolas do EJA. Lá, nos momentos em que percebia que algum aluno era mais reservado ou sentia vergonha e, por este motivo não participava efetivamente de suas aulas, a professora buscava descobrir, junto ao corpo docente da escola, algum aspecto daquele aluno (se era músico, se gostava de matemática ou de alguma outra matéria, se trabalhava e com o quê). Em mãos de alguma dessa informação, a professora fazia uso dessa ferramenta para motivar o aluno, mostrando a sua importância para a sociedade e, não menos importante, para a sala de aula, deixando explícita a relevância da participação dele nas aulas.

Diante do exposto, podemos considerar sua postura como positiva e que deve servir de exemplo para outros profissionais. Essa capacidade de poder enxergar o aluno além das paredes da escola, sua participação na sociedade e a sua importância para o meio em que vive, demonstra uma preocupação da docente com a formação humana e com a socialização do aluno. A participação da família no desenvolvimento escolar do aluno possibilita, também, uma maior interação e o auxilia a alcançar uma melhora do seu desempenho escolar.

Por último, e não menos importante, temos o terceiro objetivo específico, que foi “conhecer se havia, ou não, algum tipo de preparo/apoio profissional do corpo funcional da escola”. Como mencionado, durante a entrevista, perguntamos a professora se a escola oferecia algum suporte à docência. A mesma citou um sistema de apoio pedagógico exclusivo da escola, e afirmou que o seu comportamento e preocupação com os alunos se dava, sobretudo, em virtude deste apoio pedagógico. Segundo a professora, este apoio estava voltado à formação docente e humana do profissional, preocupando-se sempre com o bem-estar e com a qualidade do ensino.

Durante essa entrevista, pudemos perceber que a docente não se preocupava tanto com seu bem-estar e com suas emoções. Sempre quando questionada sobre suas emoções ela afirmava que não sabia se expor, estando sempre preocupada com o bem-estar e com as necessidades dos seus alunos, esquecendo-se de si mesma. Afirmou, durante a entrevista, que embora estivesse cansada devido aos anos de trabalho, não tinha vontade de parar de lecionar, pois se preocupava com a educação das crianças e jovens que ensinava. Essa preocupação, apesar de louvável, não deveria tirar, contudo, a responsabilidade da mesma em cuidar de si, em procurar uma educação voltada as suas emoções, pois, desta forma, o processo de ensino e aprendizagem poderia ocorrer de forma a favorecer as duas partes presentes de forma ativa nesse processo: alunos e professores.

Ao término deste trabalho podemos mencionar que entendemos que a preocupação com o docente e com o seu emocional é de grande valia, mas, lamentavelmente, este é um assunto pouco tratado na academia. Consideramos que a presente pesquisa contribuiu para que possamos compreender a importância do investimento no emocional dos docentes, reconhecendo um profissional que, além de dever possuir capacidades técnicas, didáticas, seja também um ser humano consciente de suas emoções, habilitado a dar respostas mais adequadas às situações vivenciadas no dia a dia.

Ainda há muito a ser estudado, principalmente em relação à atuação prática dos docentes, muitas vezes carentes de pessoas e de redes de apoio preocupadas com a Formação Humana e com a Educação Emocional dos

mesmos. Ao se visar puramente o bem-estar dos alunos, esquece-se do profissional que os formam, daquele que pode ser a “chave” para o desenvolvimento social e pessoal do seu alunado, pois, através do exemplo do professor é possível que o aluno desenvolva habilidades de caráter humano, muito além do puramente cognitivo. Entendendo a relevância deste aspecto, estamos certos de que os alunos necessitam de profissionais que possam encaminhá-los à obtenção do sucesso pessoal e profissional, ou seja, que os preparem para um futuro de realizações e esse profissional é o PROFESSOR.

REFERÊNCIAS

ALZINA, R. B.; GONZÁLES, J. C. P.; NAVARRO, E. G. Inteligência emocional em educação. Madri: **Síntesis**, 2015.

ANTUNES, C. A Grande Jogada: manual construtivista de como estudar. 4. ed. Petrópolis, RJ: **Vozes**, 1998.

ARAGÃO, R.; SILVA, N. A Observação como Prática Pedagógica no Ensino de Geografia. Fortaleza: **Geosaberes**, 2012.

ASSIS, S.G; PESCE, R.P; AVANCI J. **Resiliência**: enfatizando a proteção dos adolescentes. Porto Alegre. Artmed, 2006.

BARROS, W. **Resiliência e Educação**: uma reflexão no trabalho docente. Paraíba, 2014.

BOCK, A. M. B.; FURTADO, O.; TEIXEIRA, M. de L. T. **A Inteligência**. In: _____. Psicologias: uma introdução ao estudo de psicologia. 13. ed. São Paulo: Saraiva, 2002, p. 177-188.

BRASIL. Leis e Decretos. Constituição da República Federativa do Brasil: atualizada até 01.01.2003. São Paulo: **Revista dos Tribunais**, 2003.

CASASSUS, J. **Fundamentos da Educação emocional**. Brasília: UNESCO, Liber Livro Editora, 2009.

CASTRO, C.A.P. **Sociologia geral**. São Paulo: Atlas, 2000.

COSENZA, R.; GUERRA, L.. **Neurociência e educação**: como o cérebro aprende. Porto Alegre: ArtMed, 2011.

CREPALDI, E. **A importância da família na escola para a construção do desenvolvimento do aluno**. Paraná, 2017.

CYRULNIK, B. **Os patinhos feios**. 1ª Edição. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

DALGALARRONDO, P. **A Inteligência e suas Alterações**. In: _____. Psicopatologia e Semiologia dos Transtornos Mentais. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2008, p. 277-289.

FARIA, A. L. G. Portugal Educação emocional e social. **Educação e Sociedade** (Campinas), v.26, n.92, p.1.013-38, out. 2005. Disponível em <http://www.scielo.br/pdf/es/v26n92/v26n92a14> . Acesso em 20/09/2018.

FIORELLI, J. O.; MANGINI, R. C. R.. As Funções Mentais Superiores (a Síndrome de Pirandello). In: _____. Psicologia Jurídica. São Paulo: Atlas, 2009, p. 6-43.

FRIAS, E.; MENEZES, M.. **Inclusão Escolar do Aluno com Necessidades Educacionais Especiais**: Contribuições ao Professor do Ensino Regular. Paranaíba. 2009. 28p. Disponível em: <<http://www.diaadiaeducacao.pr.gov.br/portals/pde/arquivos/1462-8.pdf>>. Acesso em: 19 de abril de 2019.

GARDNER, H. **Inteligências múltiplas**: A teoria na prática. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

GIL, A. C. **Método e técnicas de pesquisa social**. 6ª. ed. São Paulo: Atlas S.A, 2008.

_____. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 1991.

GOLEMAN, D. **Inteligência Emocional**: A Teoria Revolucionária que redefine o que é ser Inteligente. Rio de Janeiro: Editora Objetiva LTDA, 1995.

_____. **Inteligência Emocional**. Barcelona: Sic Idea y Creación Editorial, 2006.

HOUAISS, A.; VILLAR, M.. **Grande Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Objetiva, 2008.

LIMA, A.L. **Viktor Emil Frankl**: um exemplo de resiliência. Portugal, 2010.

LIMA, E. **A "qualidade" da educação do Brasil**: escola pública x escola particular. Bahia, 2010.

MARTINS, J. M. **A lógica das emoções**: na ciência e na vida. Petrópolis,RJ: Vozes, 2004.

MANZINI, E. J. A entrevista na pesquisa social. **Didática**, São Paulo, v. 27, p. 149-158, 1991.

MOLINA, R. K. **Professor x estudante**: relações de cuidado. São Leopoldo, RS, 2007.

MORALES, M.; LÓPEZ-ZAFRA, E. **Inteligencia Emocional y Rendimiento Escolar**: estado actual de la cuestión. Colombia, 2009.

NUNES, A. I. B. L.; SILVEIRA, R. N. **Inteligência**. In: _____. *Psicologia da Aprendizagem: processos, teorias e contextos*. 3. ed. Brasília: Líber Livro, 2011, p. 149-161.

OLIVEIRA, C.L.; Um apanhado teórico-conceitual sobre a pesquisa qualitativa: tipos, técnicas e características. **Revista Travessias**, Paraná, 2008.

RÊGO, C.; ROCHA, N. **Avaliando a educação emocional**: subsídios para um repensar na sala de aula. Rio de Janeiro, 2009.

ROHR, F. Espiritualidade e formação humana. **Revista Poiesis**, Santa Catarina, 2011.

ROHR, F. et al. **Diálogos em educação e espiritualidade**. 1 ed. Pernambuco: Editora *Int. Formação Humana*, 2010.

SANTOS, J. **Educação Emocional na escola**: a emoção na sala de aula. Salvador: Faculdade Castro Alves, 2000.

SANTOS, K. F. **Inclusão Educacional de Alunos com Altas Habilidades/Superdotação**. 150f. 2008. Monografia (Licenciatura em Pedagogia) – Inhumas: Unidade Universitária de Inhumas, Universidade Estadual de Goiás, 2008.

SOBRAL, O. J. Inteligência Humana: concepções e possibilidades. **Revista Científica FacMais**, Volume III, Goiás, 2013.

SZYMANZKI, H. **A relação família/escola**: desafios e perspectivas. 1ª reimpressão. Brasília, Plano Editora: 2003.

WEDDERHOFF, E. Educação Emocional: Um novo paradigma pedagógico. **Revista Linhas**, Florianópolis, v. 01, p. 67-70, 2001.

ZAGURY, T. **O professor refém**: para pais e professores entenderem por que fracassa a educação no Brasil. Rio de Janeiro, Record: 2006.



APÊNDICE A



TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO (TCLE)

Título da Pesquisa: “Educação Emocional e Prática Docente: Um estudo de caso”

Aluna Pesquisadora: Tereza Gabriela Torres de Lima

Professora Orientadora: Dra. Ana Lúcia Leal

Instituição responsável: Universidade Federal de Pernambuco

Você está sendo convidada a participar de uma pesquisa cujo objetivo é estudar qual a importância dada à educação emocional no ambiente escolar e à preparação dos docentes para tal. A coleta de dados será realizada, inicialmente, através de observações onde não haverá interação do observador, além da aplicação de um questionário semiestruturado. Ela poderá causar inibição ou constrangimento por você não ter contato prévio com a aluna-pesquisadora e pelo fato das questões abrangerem respostas pessoais no momento da entrevista. Acreditamos, contudo, que oferecerá por benefícios a ampliação dos conhecimentos sobre o tema, contribuindo com novas informações, úteis, sobretudo, a você, professora.

As informações obtidas a partir deste estudo serão rigorosamente confidenciais. Os resultados serão divulgados publicamente, entretanto, a sua identidade jamais será revelada. Não haverá qualquer tipo de custo de sua parte e a participação neste estudo é totalmente voluntária, estando assegurada a retirada de sua autorização na pesquisa em qualquer etapa da mesma. Você terá direito a perguntas e respostas a qualquer momento. Não assine o TCLE se não concordar com a participação ou se as dúvidas não forem devidamente esclarecidas. Em caso de dúvidas, favor entrar em contato com Tereza Gabriela Torres de Lima, fone: (81) 9 9970-4975, aluna pesquisadora do Curso de Química – Licenciatura, do Centro Acadêmico do Agreste – CAA / Universidade Federal de Pernambuco – UFPE ou com Prof^a Ana Lúcia Leal, fone: 81. 21267772, professora do Núcleo de Formação Docente – NFD/CAA/UFPE. Estaremos sempre à disposição.

Eu, _____, RG (ou CPF) nº _____, li e entendi o exposto acima. Autorizo a utilização dos dados obtidos na pesquisa para a elaboração desta pesquisa.

_____, _____ de _____ de _____.

Participante _____.

Aluna Pesquisadora _____.

Tereza Gabriela Torres de Lima



APÊNDICE B
CARTA DE APRESENTAÇÃO



Caruaru, 29 de Agosto de 2018.

De: Prof^a Dra. Ana Lúcia Leal (Prof^a Efetiva do NFD/CAA/UFPE)

À: Direção da Escola

Assunto: Solicitação de autorização para realização de Pesquisa Científica de Conclusão de Curso de Graduação em Química – Licenciatura

Vimos, por meio desta, apresentar uma proposta de realização de Pesquisa intitulada “Educação Emocional e Prática Docente: um estudo de caso”, a ser desenvolvida pela aluna Tereza Gabriela Torres de Lima, matrícula nº 09820339405, regularmente matriculada no 8º período do Curso de Química – Licenciatura, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE), no Centro Acadêmico do Agreste (CAA), sob orientação da profa. Ana Lúcia Leal.

Por acreditarmos na relevância do tema, necessitamos da colaboração da referida escola para que a nossa pesquisa seja viabilizada e, futuramente, seus dados possam contribuir para a melhoria das relações entre professores e alunos.

Ressaltamos que as informações obtidas a partir deste estudo serão rigorosamente confidenciais. Os resultados serão divulgados publicamente, entretanto, a identidade da escola e dos participantes jamais será revelada. Não haverá qualquer tipo de custo por parte dos participantes, sendo a adesão totalmente voluntária.

Em caso de dúvidas, favor entrar em contato com Tereza Gabriela Torres de Lima, fone: (81) 9 9970-4975. Agradecemos de antemão à colaboração e renovamos nossos votos de respeito e consideração.

Atenciosamente,

Ana Lúcia Leal
SIAPE: 2536752



APÊNDICE C

ENTREVISTA SEMIESTRUTURADA



Caruaru, 03 de Maio de 2018.

Perguntas introdutórias:

Qual sua formação? Qual seu tempo de formação docente? Quais são suas leituras/impressões/experiências desse período de atuação?

Perguntas norteadoras:

- 1) Como você definiria sua relação com seus alunos? Você acredita que certa intimidade pode atrapalhar a relação entre ambos?
- 2) Você tem ciência quando suas emoções interferem na sua prática?
- 3) Você acha que demonstrar suas emoções afeta o comportamento ou até mesmo o processo de aprendizagem de seus alunos?
- 4) Qual a sua estratégia para lidar com os alunos que se comportam como líderes? (transformando o ambiente de modo agradável ou não)
- 5) Diante de uma situação adversa, você consegue manter o foco e pensar claramente? Quando você se lembra de uma situação ruim, como você se sente emocionalmente?
- 6) Imagine uma situação na qual um aluno a irritou profundamente. Imagine agora como você poderia funcionar como sua advogada de defesa.
- 7) Você consegue separar os problemas pessoais do profissional?
- 8) Você já ouviu falar em Inteligência Emocional?
- 9) É correto dizer que todo o aprendizado tem uma base emocional? Por quê? Qual seria a relação?
- 10) Qual sua percepção sobre emoções? Você acha que existem emoções ruins? Quais emoções negativas você lida cotidianamente em sala de aula? De que forma você lida com as emoções de seus alunos? E quais as estratégias que você tem para promover emoções positivas?
- 11) Você acha que elas (as emoções dos alunos) interferem em seu estado emocional e na dinâmica da escola como um todo?
- 12) Cuidar da dimensão emocional dos alunos é obrigação do professor?
- 13) Você avalia que tem o respaldo da família e/ou da escola para lidar com situações que se sente incapaz de dar conta sozinha?
- 14) Você se arrepende de alguma atitude que tomou no passado em relação a algum aluno (a). Tal atitude representa algo negativo em sua atividade docente e/ou vida pessoal?
- 15) Como sabemos, a motivação é essencial para o processo de aprendizagem do aluno. Como seria possível manter em alta a motivação dos alunos?
- 16) Como você se definiria? (temperamento...)